

JESUS E OS DO CAMINHO

Jesus é **O** em relação a todas as coisas que existem. Pois, todas as coisas vieram Dele e para Ele. Ele esteve neste mundo, tudo é Dele, mas Ele não era e nem é deste mundo. Ele amou o amor do Pai pelo mundo, embora o mundo o tenha odiado. Ele, porém, como Deus, não se enciúma ante a cegueira humana, e continua amando mesmo quando julga e decreta, pois, sendo amor, tudo o que faz é amor em terapia para a vida.

Jesus é Deus. É Deus desde que Deus é Deus. Ou seja: Ele e o Pai são Um; e não tornaram-se Um.

Por isto, tudo Nele é simples e soberano. Ele vem ao mundo como um anônimo e se esconde em simplicidade anônima aproximadamente 92% dos trinta e três anos de Sua existência Histórica. E não se importa com o tamanho de nada, e não se aflige em posicionar-se bem, e não é estratégico segundo o mundo em nada do que fez, escolhendo o caminho da via que é vista inversa pelo mundo, andando, assim, na contramão de tudo o que o homem chama fácil, bom e largo; escolhendo a vereda que ninguém aprecia, que é o caminho da graça, do perdão, da misericórdia, da bondade simples e natural, da compaixão, da verdade conforme o entendimento, e da disposição de morrer, mas não de matar.

O mundo, como sistema humano, é anti-Ele como Caminho, Verdade e Vida!

Ele, todavia, é o Caminho, a Verdade e a Vida, e, portanto, não pede licença para Ser e nem julga que para que Ele mesmo fosse, tivesse que acontecer no palco das vaidades humanas.

Assim, sua simplicidade de encarnação é Sua maior soberania; pois, em qualquer lugar, Aquele que É se faz Ser.

Ele era desde antes de haver antes ou depois, pois Ele é o Alfa e o Ômega. Ele é Aquele que veio segundo a ordem de Melquizedeque, pois Melquizedeque é aquele que se manifesta sem explicação e sem pedir licença.

Ele é Senhor de tudo, pois, decreta que todas as coisas estão sob a provisão de Sua Graça (Favor) desde antes de serem criadas, sendo esta a razão pela qual Jesus, o Cordeiro Eterno, foi imolado antes da fundação do mundo, de todos os mundos. Por isto é que todas as coisas que vieram Dele, para Ele voltarão; pois, fez a paz mediante o sangue de Sua Cruz, o qual foi a expressão temporal e histórica da Cruz eterna da imolação do Cordeiro antes da fundação do mundo.

Ele redime exatamente como cria. Ou seja: tirando as coisas do nada ou do caos, e, além disso, criando gradualmente, com a paciência de Deus.

Ele não sente necessidade de se explicar, pois sabe que as trevas não prevalecem sobre a Luz.

Entretanto, Ele se revela aos simples; e todo aquele que pode enxergar divindade na simplicidade, discerne a Sua presença. Por isso, entre nós, Ele se fez acompanhar dos que se alegravam com o derrame de amor que Ele fazia, e não tinham questões, mas apenas o coração carente e aberto.

Do ponto de vista de Seu olhar humano, do alto da cruz, o que Ele via era derrota e deserção. Nós que julgamos que Suas Palavras ecoavam aos ouvidos de todos. Mas não. Ele dizia coisas que além dos executores, somente a mãe Dele e umas amigas puderam escutar. É infinitamente pior do que morrer na UTI longe dos amigos que fugiram. É como a morte do Herdeiro de todas as coisas acontecendo quase sem testemunhas. E as que testemunharam não possuíam “valor histórico”.

Ele venceu tudo em silêncio. Até a morte Ele venceu e o Imperador não ficou sabendo.

Assim, o caminho de Deus é silencioso e poderoso; e não é feito por mãos humanas, mas por rendição do homem a Deus, sozinho, com ou sem companhia.

Há vários livros meus que falam acerca do ser de Jesus, de Seus modos, de Seu jeito-ser como Palavra, como Verbo Encarnado e como Chave Hermenêutica para interpretação de Suas próprias Palavras.

No presente livro minha intenção é conduzir você por uma viagem que começa na revelação de quem é Jesus, se aprofunda na consciência de Quem Ele é para você, e cresce para fazer sua aplicação do significado dessa fé em Jesus na sua relação com os irmãos e com o próximo.

Ou seja: este é um livro simples, mas que fala séria e profundamente sobre as implicações do Evangelho para o todo de nossa existência.

Sim! Porque o que as pessoas precisam saber é que se elas crêem em Jesus, então, nada pode continuar a ser como tem sido; pois, se as coisas são conforme Jesus disse que elas são, implica que Deus é amor; é Pai; é Filho; é irmão dos homens; é Consolador; é a força que acompanha afirmando e emprenhando de esperança aquele que crê — ao mesmo tempo em que, se crêem em Jesus, precisam admitir que os corações dos homens serão julgados; e as aparências serão desvestidas até os porões da verdade; pois, somente os atos do amor sobreviverão.

O que as pessoas precisam saber é que se elas crêem em Jesus, então, elas também crêem que no fim a recompensa é de quem foi feliz porque era humilde e ensinável; e porque chorou os bons choros, porque dominou o coração contra os impulsos do ódio ou do descontrole, porque andou com o olhar limpo, com a vontade feita de paz, com a



perseverança fundada na justiça, e com a alegria advinda dos céus — de onde terá vindo a redenção de quem creu, até o fim de tudo.

O que as pessoas precisam saber é que se elas crêem em Jesus, então, devem assumir que o mundo vai acabar; a natureza vai gemer até parir algo novo; as nações irão se odiar; os povos se ajuntarão apenas para a guerra; e a grande maioria amará muito mais a mentira que a verdade.

O que as pessoas precisam saber, apesar disso, é que devem servir ao próximo e às causas da esperança e da vida até o fim, mesmo que ninguém mais no mundo trabalhe para reverter o processo de calamidade provocada pelo homem e que da Terra se avizinha.

O que as pessoas precisam saber é que se elas crêem em Jesus, então, elas também crêem que os vivos que crerem, quando soar a última trombeta, serão transformados, e, arrebatados por anjos, irão ao encontro do Senhor nos ares. Antes disso, porém, todos os que tiverem morrido no leito da fé na ressurreição, serão levantados da morte. Os mortos ressuscitarão primeiro. Depois os vivos serão transformados. Assim crêem os que crêem.

O que as pessoas precisam saber é que se elas crêem em Jesus, então, elas crêem também que as coisas são como Jesus nos disse que elas são, foram e serão.

Se assim é, por que, então, conseguimos não ser nada do que dizemos crer? Ou será que de fato não cremos em nada do que confessamos com os lábios?

Ora, se você não crê em mais nada disso, então, diga: “Eu não creio em mais nada disso. Para mim Jesus é o Máximo, é meu guru, é meu poder; é o poder que me ensinaram e que funcionou pra mim.”

Certamente seria ainda mais agradável a Deus!

Na realidade a maioria fica assim..., desse jeito de não-ser em Jesus, apenas porque já de início *não admitem* quem são de fato. Pois, como diz minha mulher: “*Se alguém não é sincero com sua própria Queda, como o será com a Graça de Deus?*”

Por isto, aqui, desde o início, quero convidar você para saber como você e eu somos em nós mesmos, por mais vestidos que estejamos com as justiças de nossas próprias presunções.

Pois, como está escrito:

Não há justo, nem sequer um. Não há quem entenda; não há quem busque a Deus. Todos se extraviaram; juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há nem um só. A sua



garganta é um sepulcro aberto; com as suas línguas tratam enganosamente; peçonha de áspides está debaixo dos seus lábios; a sua boca está cheia de maldição e amargura. Os seus pés são ligeiros para derramar sangue. Nos seus caminhos há destruição e miséria; e não conheceram o caminho da paz. Não há temor de Deus diante dos seus olhos. [Paulo aos Romanos]

Assim sou eu, assim é você, assim somos nós, assim é o mundo.

Alguém lê e diz: Exagero! O homem não é assim; pois, sou homem e assim não sou!

Esse, entretanto, nunca se viu. Um cego imagina sua própria aparência e a de outros com muito mais exatidão do que o homem enxerga a si mesmo de modo natural.

Nossa visão de nós mesmos é sempre moral e sempre vinculada a nós mesmos como referências do que seja bem e mal em nós e fora de nós.

Entretanto... — Vergonha não é Verdade; é culpa. E nem sempre a culpa conduz alguém à Verdade. Aliás, está escrito que é a Bondade de Deus o que nos leva da culpa sem verdade ao arrependimento na verdade.

Toda-via...

Comemos do fruto da Árvore. Por isso, sentimos vergonha, mas não abraçamos a verdade. Daí... — mesmo Adão ter tentando transferir a culpa de tudo para a mulher e esta para a serpente. Vergonha sem Verdade.

Ora, se em lenho verde não enxergamo-nos a nós mesmos em Adão, por que haveríamos de pensar que os bilhões de Adões adoecidos e piorados, em estado de lenho seco como hoje estamos, ver-nos-íamos melhor?

De fato homem algum aceita a descrição acima. Um judeu da época diria: Jamais. Um grego diria: Nem o pior dos deuses é assim. Um humanista pós-moderno dirá: É a desgraça da culpa insuflada pela droga da religião da idade da pedra.

Entretanto, quem fala acima não é homem do homem e nem um homem de si mesmo; pois, o homem que assim se visse, não escreveria jamais tal coisa, antes a esconderia; e, aquele que honestamente assim se visse, matar-se-ia; a outra alternativa não existe sem revelação na Graça.

De fato quem fala é Deus. É Ele quem diz que somos assim em vista de quem fomos feitos e capacitados a ser. Sim! É Ele quem nos diz quem não somos quando medidos ante o homem Jesus.

Na realidade por mais que uma figura como Jesus tivesse que ser vista com alegria e simpatia, o que Ele gera, apesar de todo o bem que espalha, é o oposto.



É inegável que Jesus divide a humanidade sempre que alguém fica cara a cara com Ele e tem que se decidir.

Entretanto, o que espanta é ver que existe um ódio estranho, um ente impessoal latente na natureza humana e que odeia a Jesus assim como o homem odeia a Vida; e tudo faz para se matar enquanto diz buscar viver...

Os da sinagoga de Nazaré bem ilustram essa minha afirmação.

Sim! Porque diante de Jesus e de Seu ensino e ousadia profética de dizer que naquele dia Isaías 61 ganhava seu cumprimento Nele, os da assembléia manifestaram-se com uma admiração que os fez “maravilharem-se”; e, logo depois, com ódio, tentarem empurrá-Lo do penhasco da cidade.

E por quê?

Ora, mesmo que não queiramos admitir, temos, entretanto, que afirmar que a exposição ao Evangelho, a Jesus e à Palavra, caso não se faça acompanhar de fé, é insuportável; pois, nos faz sentir [quase nunca ver] que somos conforme acima descritos.

Foi essa revelação que fez Pedro ser honesto com sua condição de corrompido, e necessidade de acolhimento na Graça, ao expulsar Jesus de si mesmo agarrando-o para sempre em si.

“Arreda-te de mim; pois, eu sou pecador” — disse Pedro.

Mas que psicologia tem a coragem de expor o homem de tal forma?

Ou que filosofia? Ora, pela pior visão filosófica, o homem seria apenas um nada, uma náusea da consciência-acidente.

Mas o que se diz acima não é tão bom assim. Pois, o que está dito e escrito é que o homem ficou assim; e assim se mantém; de tal modo que optou pela cegueira, posto que em seu narcisismo, desfila como um deus, e se imagina como uma divindade de tão bom que é por... — pagar as contas, cumprir seus deveres sociais e religiosos, e, se possível, evitar confusão.

Eu, no entanto, sei por mim mesmo que não há justo, nem sequer um; que não há quem entenda; e que não há quem busque a Deus.

Sim! Sei a partir de mim mesmo que todos se extraviaram; e que juntamente se fizeram inúteis.

Olho para mim e vejo que não há quem faça o bem, não há nem um só.

Ah! Minha garganta! Deixada a si própria é um sepulcro aberto...

E a língua? Ora, esta é mestra em destilar engano e peçonha de áspides [que fica guardada debaixo dos nossos lábios]. Por isso é que a nossa boca é tão cheia de maldição e amargura.

E quando olho para o meu caminho e para o caminho humano, como posso eu negar que nossos pés são ligeiros para derramar sangue e não para socorrer ao próximo?

Assim, como posso também negar que o que me habita e a todos os humanos [vide a Humanidade; o mundo] é caminho de destruição e miséria?

Sim! É possível negar que nós não conhecemos o caminho da paz?

Ou negar que não há temor de Deus diante dos nossos olhos?

Quem disser que não é assim nunca conheceu a Deus como não entende a profundidade do mal que emana até de nossas melhores virtudes.

Ora, digo isto não para esmagar.

Pelo contrário: mataria eu a mim mesmo?

Esta não é minha intenção!

Digo o que digo apenas porque sei que onde abundou o pecado superabundou a Graça.

Entretanto, sem consciência honesta de quem se é sem a Graça, jamais se provará a abundância da Graça que nasce de tal reconhecimento.

Sem este primeiro passo não dá nem para iniciar a falar sobre o significado de nossa tão grande salvação.

Entretanto, isto me leva a dizer que ao falar de Jesus não estou falando dos “jesuses” que habitam a imaginação dos “cristãos” como se fossem Jesus mesmo.

Digo isto porque a converseira sobre Jesus não tem fim. É o Jesus papo. É o Papo Jesus. É o Jesus do Papa. É a papa Jesus. É o Jesus Papa. É o Papa de Jesus. É, enfim, tudo papo furado...

Logorréia é o nome dessa doença venérea da língua que fala, fala, fala; que pinga de tanto falar; mas nunca gera nada além de masturbação de palavras, num derrame de sêmen contaminado pela frequência ao bordel das idéias prostituídas.

Mas se você quer falar sério; ser honesto; sem auto-engano; sem auto-proteção; sem auto-ajuda contra a verdade; sem auto - lá pra nada... — então, leia as afirmações de



Jesus por mim transcritas abaixo, todas sobre “mundo” numa perspectiva de sistema maligno [nem sempre este é o sentido do termo; e aí reside grande confusão]; e as resposta de coração.

Ao final você saberá o que Jesus de fato significa para você e o que a Palavra Dele importa em sua existência.

E, se alguém ouvir as minhas palavras, e não as guardar, eu não o julgo; pois eu vim, não para julgar o mundo, mas para salvar o mundo. João 12:47

Pergunta:

Se você lesse isto e não soubesse que foi Jesus quem falou, o que você, como religioso, diria de tal pessoa?

Ainda um pouco, e o mundo não me verá mais; mas vós me vereis, porque eu vivo, e vós vivereis. João 14:19

Pergunta:

Você de fato aceita a idéia de que a vida com Jesus só se faz visível no mundo pelo amor, que sem amor, nada de Deus é visto? E crê que a verdadeira vida com Deus acontece na existencialidade, no coração; e não no palco das apresentações de “fé”? Você prefere no fundo do coração que o mundo perceba você ou que Deus saiba você?

Perguntou-lhe Judas (não o Iscariotes): O que houve, Senhor, que te hás de manifestar a nós, e não ao mundo? João 14:22

Pergunta:

Você não acha que a pergunta de Judas é idêntica à de um marqueteiro religioso? Afinal, quem quer Jesus como relacionamento? A maioria o quer como ajuntamento poderoso e influente. Um Jesus Global-Grupal é melhor do que o Jesus Íntimo?

Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; eu não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize. João 14:27

Pergunta:

Se você de fato cresse nisso sua vida seria tão frágil e levada por todos os ventinhos de brisas de contratempo? Então, por que você não começa a crer e a confiar?

Se o mundo vos odeia, saídes que, primeiro do que a vós, me odiou a mim. João 15:18



Pergunta:

Por que você acha que crente tem a expectativa de ganhar o mundo e de fazer a “Igreja” a consciência moral da sociedade? E por que tudo o que a “Igreja” faz é provocar o ódio do mundo querendo mandar nele, ao invés de provocar o ódio do mundo apenas por curar e acolher os que o mundo quer que morram e desapareçam?

Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; mas, porque não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos odeia. João 15:19

Pergunta:

Você acha que poder diante do mundo significa poder diante de Deus? O mundo odeia a Jesus e ao discípulo tanto mais quanto o discípulo seja como Jesus? Se é assim, por que então essa vontade de ser “amado pelo mundo”?

E quando ele [o Espírito Santo] vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo João 16:8

Pergunta:

Você acredita mesmo nisso? E se acredita, por que, então, você tenta tanto ser o “Espírito Santo” de seu próximo, ao invés de ouvir a Voz do Espírito para você?

Em verdade, em verdade, vos digo que vós chorareis e vos lamentareis, mas o mundo se alegrará; vós estareis tristes, porém a vossa tristeza se converterá em alegria. João 16:20

Pergunta:

A Ressurreição de Jesus é para você uma “certeza” histórica e uma “doutrinária cristã” [apenas], ou é o fator que energiza a sua existencialidade com força e poder e que converte tristeza em alegria todo dia?

Tenho-vos dito estas coisas, para que em mim tenhais paz. No mundo tereis tribulações; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo. João 16:33

Pergunta:

Você acredita que possuir consciência acerca da inevitabilidade da dor e da tribulação é o que põe você no caminho no qual você aprende a ter paz em Jesus, e paz acima das circunstâncias da existência? E se é assim, por que tanta revolta?

Ora, alguns dizem que não entendem o que Jesus queria dizer. Mas, de fato, não é verdade. O difícil é admitir que não se quer mesmo viver o Evangelho, não porque não



se compreenda as palavras de Jesus, mas sim porque não se deseja render a vida à Palavra de Deus para a prática da vida que conduz à Vida.

Entretanto, essa questão de não se compreender o que Jesus está dizendo, foi por Ele mesmo abordada.

Por que não compreendeis a minha linguagem? é porque não podeis ouvir a minha palavra.

Assim, para quem deseja debater com a verdade, eu digo que a verdade é mais simples que a simplicidade.

“Por que não compreendeis a minha linguagem? é porque não podeis ouvir a minha palavra.”

Ora, no contexto do evangelho de João, capítulo 8, tudo começa com a cena da mulher flagrada em adultério, a qual é salva do apedrejamento por uma única resposta-pergunta de Jesus. Naquela ocasião eles entenderam a linguagem de Jesus. Entenderam em si mesmos, a partir do que criam sobre si mesmos. Sem “fé” ninguém entende linguagem alguma.

Depois, entretanto, Jesus lhes diz coisas que só poderiam ser discernidas a partir do pressuposto de que Jesus não era louco, mas Deus. Sim, porque o que Jesus diz só cabe entre o Doido e Deus.

Ele diz coisas de Si mesmo que são inconcebíveis. É acusado de fazer auto-propaganda, e a isso responde que Moisés dissera que se houvessem duas testemunhas, toda palavra se firmava como verdadeira; e conclui: eu falo a verdade porque meu Pai da testemunho de mim.

“*Quem é teu pai?*” — perguntam eles.

Resposta: “*Se conhecêsseis a mim, conheceríeis também a meu Pai?*”; e, assim, questiona todo o pressuposto da percepção deles. Afinal, Jesus era visível e perceptível; porém, para Jesus, havia um “Eu” que eles não conheciam, o qual, sendo conhecido, era equivalente a conhecer seu Pai.

Mas quem ousaria suspeitar que Ele não era louco, mas a própria Luz-cidez?

Quando indagado acerca do que dizia e do que intentava; ao dizer que não seria mais achado entre eles depois de um tempo — se era por que Ele se suicidaria ou por que iria ensinar aos gregos na dispersão; Ele apenas diz: “*Vós sóis cá de baixo; eu sou lá de cima?*”.

Assim, quanto mais explica “em verdade, em verdade” menos é entendido. Pois era impossível compreender a linguagem sem crer na palavra Dele.



Assim, Ele diz: Por que não compreendeis a minha linguagem? é porque não podeis ouvir a minha palavra.

Ninguém jamais entenderá nada do Evangelho a menos que creia na Palavra de Jesus em razão de poder ouvi-la dando razão a Deus à priori.

E quem tem tal disposição a menos que seja tocado por uma revelação de amor divino?

E quem terá tal insight se já não tiver o coração propenso à simplicidade da linguagem do amor?

Se não for assim, a Linguagem de Jesus é incompreensível até para o mais refinado teólogo ou filósofo.

No entanto, quando alguém pode ouvir a Palavra, então passa a compreender a linguagem; e tudo fica mais que claro.

Você compreende essa linguagem?

Jesus é a linguagem.

Jesus Deus.

Deus Jesus.

Jesus Filho.

Deus Pai do Filho.

Filho de Deus.

EleEle (não Eles) = Um.

Se essa equação entra em nós por revelação, então, a linguagem é compreendida, pois a Palavra foi ouvida e crida.

Somente a fé que ouve, e ouve crendo, é que se capacita a entender a linguagem de Jesus, que é a linguagem de Deus.

Do contrario, como os judeus de então, a gente pensa que Ele está saindo para viajar ou para se suicidar.

Quando, porém, se compreende a linguagem de Jesus a pessoa passa a discernir quais são os temas da Vida, e quais são os enganos de temas que a existência chama de vida.



Sim! Pois em Jesus [nos evangelhos] nós temos os temas por Ele propostos [que eram Sua agenda], os temas propostos pelos homens [que eram suas angústias e ou tentações e dúvidas], e temos os temas que Ele se nega a responder, e, menos ainda a propor.

Entretanto, mesmo quando a resposta a uma proposta seria para Jesus como o lançar pérolas aos porcos, ou ainda algo como ideologizar a Palavra — ainda que não tratando dela [da proposta], é possível ver porque Ele não a respondeu; ao mesmo tempo em que é possível saber o que Ele pensava, não o expressando apenas para não fazer de algo tópico um dogma para os incautos ou um motivo de acusação desnecessária dada aos abutres.

Assim, os temas de Jesus são os de sua mensagem declarada e espontânea. E o Sermão do Monte bem expressa quais são esses elementos essência da agenda do Evangelho de Jesus.

Nos diálogos com as multidões ou os religiosos [de todos os pedigrees], vemos as respostas que Ele julga fundamentais; e que em geral carregam os elementos mais próximos da compreensão humana; mesmo quando era uma disputa dos fariseus ou escribas dos sacerdotes, buscando algo a fim de o acusarem.

Nos diálogos com os discípulos há tanto o que Ele propõe, como também o que eles criam como problema ou circunstância da vida para a qual a Palavra de Jesus tem sua direção sempre.

Até mesmo o tema da Vinda do Filho do Homem, conquanto seja uma proposta Dele, Nele sempre ela é tratada de passagem, como certeza para além da óbvia claridade do sol. Quando, porém, o tema “escatológico” [últimas coisas] é ampliado, é porque os discípulos curiosos perguntam sobre o fim de tudo aquilo.

No mais, Ele força a pensar, a sentir, a intuir, a abrir-se à revelação, a comparar as coisas com a natureza das coisas, e com a natureza humana também; e, sobretudo, Ele sempre dá a chance de que a história-parábola-da-vida falasse por si mesma aos de coração ávido pela verdade do reino. Ele as explica [as parábolas] apenas quando dúvidas aparecem; e nesse caso [das parábolas], tal extensão explicativa acontece apenas na do Semeador e na do Joio e do Trigo. Nas demais, os fatos da vida se impuseram como ilustração vívida do que estava acontecendo no coração dos circunstantes, de tal modo que as explicações eram eles próprios.

Dos temas tópicos o que Ele mais menciona é o dinheiro. Seja como denuncia de seu poder corruptor; seja até como ilustração em parábolas [para o bem e para o mal]; seja no desfecho da história do Evangelho, quando é por dinheiro que Jesus é traído.

Ele não fala nada de questões morais. Diferentemente de João Batista Ele nada tem a dizer acerca dos bacanais dos Herodes e das orgias dos romanos.



Também nada diz dos publicanos, meretrizes e pecadores sem que seja mediante parábolas de amor e perdão. Sua pior descrição de tais situações acontece quando Ele diz que o pródigo judeu foi cuidar de porcos [ofensa aos judeus], e disputava babugens com eles. Mas isso tudo para trazer o rapaz de volta para o abraço do Pai.

Nele também não vemos traumas. Ele bem que poderia falar da “matança dos inocentes” [quem resistiria se isso fosse sua história mais primitiva?], de Seu exílio no Egito, da visita dos magos, da vida em Nazaré, do pai, da mãe, dos irmãos, dos amigos, de tudo. Mas Ele não toca nesses assuntos jamais. Ele não tinha testemunho a dar. Ele era o testemunho. E o testemunho do Pai a cada dia era confirmado Nele de todos os modos no dia chamado Hoje.

Ao contrário. Houve coisas que Ele não só não levou quase ninguém com Ele para que fossem vistas; mas, além disso, proibiu as testemunhas de relatarem o que haviam visto até que Ele ressuscitasse dos mortos — e pediu que fosse assim até no caso dos outros apóstolos; os que não tinham presenciado o ocorrido; como a Transfiguração, por exemplo.

Temas políticos explícitos Ele não tratou. Entretanto, denunciou-os mediante ilustrações sarcásticas, irônicas e mordazes. Ou seja: Ele fez cartoons; charges de imagens-histórias. Fez isso de modo sutil [como quando diz que o centurião romano tinha mais fé que qualquer judeu que Ele tivesse encontrado na vida]; ou quando, por exemplo, elege um Samaritano para herói da história da bondade solidária. Sua manifestação política mais explícita está na denuncia ao fermento de Herodes e dos fariseus, que era a hipocrisia. No mais, não entra em rota de colisão com Roma, não aceita a polemica sobre o que era de Deus e o que era de César [embora com toda fineza diga que Deus está acima de César], não se empolga com a possibilidade de mediar uma questão de bens de família e herança [ao contrário: nega-se a fazê-lo], e quando denuncia politicamente, dirige sua denúncia à política feita em nome de Deus, no Templo e entre os “representantes” da “divindade”.

O que Ele faz o tempo todo é dizer que o homem pode viajar [qualquer homem] da pocilga dos porcos para a herança do Pai Celestial.

O que Ele faz o tempo todo é dizer que o homem pode ser infinitamente melhor do que é; e que nós podemos vir a nos parecer tanto com Deus que a vida se torne sem ansiedade e sem guerra.

O que Ele faz o tempo todo é dizer que o homem pode amar, e nunca odiar; vencer pelo amor e pelo perdão, e não pela espada e pela opressão; e conhecer o amor como poder que vence tudo; mesmo quando quem ama morre.

O que Ele faz o tempo todo é dizer que o homem pode viver sem saber por que uns morrem antes e outros depois; por que uns são vítimas de calamidades [como aqueles que tiveram seu sangue misturado com oferendas de ódio no altar] e outros estão ao lado e não são “apanhados”; ou por que uns vêm e outros não; ou por que uns



padecem e outros apenas riem; ou por que a casa cai e mata a família boa, enquanto a casa rebelde dá festa durante o enterro do Lázaro; ou por que alguém nasce eunuco [sexualmente disfuncional ou invertido]; ou cego; ou aleijado; ou qualquer coisa.

Sim, para Ele nada havia a saber sobre isto como questão essencial em relação a Deus; pois a vida que confia no amor do Pai sabe que Ele cuida de todos; e que tem glória para todos.

O que Ele faz o tempo todo é dizer que o homem pode amar a Deus e a seu próximo como a si mesmo.

E diz que se assim fosse, Ele mesmo reuniria todos os homens, de todas as Jerusalens, e os poria sob Suas asas, como a galinha ajunta seus pintinhos!

Mas há os que preferem eleger para a vida os temas que Ele não propôs; e fazerem deles a agenda de Deus, sem saberem que cumprem os desejos homicidas daquele que é mentiroso e pai da mentira.

Se a agenda é de Deus, é divino-humana [como vimos em Jesus]. Se a agenda é humana, é divina em sua real e necessária humanidade [como vimos em Jesus]. Mas se a agenda não vem de nenhuma dessas duas fontes-propostas, então, saiba: ela pode ser confessada em nome de Deus, mas o proponente é o diabo; e acerca dele [do diabo], Jesus diz: “Eia! Vamo-nos daqui; pois aí vem o Príncipe deste mundo; e ele nada tem em mim!”

O que hoje mais se precisa é tirar uns certos “jesuses” do que se diz sobre Jesus. Pois Jesus não é o Gadareno, que diria: “Jesus é o meu nome, pois somos muitos!”

A maior marca de Jesus era a simplicidade esmagadora de Seu ser. E isto o diferencia dos “jesuses” e seus “temas” religiosos.

Ora, a cada dia mais me impressiona a simplicidade de Jesus em relação a tudo.

Ele negou-se a tratar de quase tudo o que a filosofia e a teologia tratam com avidez.

A origem do mal Ele simplesmente desprezou em qualquer que seja a explicação “metafísica”. Simplesmente disse que o mal existe. E o tratou com realidade óbvia.

O problema da dor foi por Ele tratado com as mãos, não com palavras e discursos.

As desigualdades sociais foram todas reconhecidas, mas não se o vê armando qualquer ação popular contra elas.

Seus protestos eram todos ligados à perversão do coração, mas nunca se tornavam projeto político, ou passeatas, ou bandeiras.



A “queda” não é objeto de nenhuma especulação da parte Dele. Bastava a todos ver as conseqüências dela.

Sobre a morte sua resposta foi a paz e a vida eterna.

Jamais tentou justificar o Pai de nada. Apenas disse que Ele é bom e justo.

Mandou lutar contra os poderes da hipocrisia e do desamor, mas não deu nenhuma garantia de que se os venceria na Terra.

Sua grande resposta à catástrofe humana foi a promessa de Sua vinda, e nada mais.

Nunca pediu que se estabelecesse o Reino de Deus fora do homem, mas sempre dentro dele; pois, fora, o reino, por hora, era do príncipe deste mundo.

Não buscou ninguém com poder a fim de ajudar qualquer coisa em Sua missão.

Adulto, foi ao templo apenas para pregar aquilo que acabaria com o significado do templo como lugar de culto.

Fez da vida o sagrado, e de todo homem um altar no qual Deus é servido em amor.

Chamou o dinheiro de “deus”, mas se serviu dele como simples meio.

Pagou imposto, mas nunca cobrou nada de ninguém, exceto amor ao próximo.

A morte para Ele não era mesma coisa que é para nós. Morrer não era mal. Viver mal é que era mau.

Em Seus ensinamentos Ele sempre parte do que existe como realidade e nega-se a fazer qualquer viagem para alguém do dia de hoje.

Para Ele o mundo se explicava pelas ações dos homens, e prescindia de análises; pois, tudo era mais que óbvio.

Não teologizou sobre nada. E quase todas as Suas respostas aos escribas e teólogos eram feitas de questões sobre a vida e seu significado agora; e sempre relacionado ao que se tem que ser e fazer.

Quando indagado de onde vinha o “joio”, Ele simplesmente diz: “Um inimigo fez isso...” — referindo-se ao diabo.

Prega a Palavra, e não tenta controlá-la. Deixa “a terra frutificar de si mesma”, como dissera.



Vê pessoas crerem, mas não tem nenhuma fixação em fazê-las suas seguidoras físicas e geográficas.

Não tem pressa, embora saiba que o mundo precisa conhecer Sua Palavra.

Cita as Escrituras sem nenhuma preocupação com autores, contextos ou momentos históricos.

Arranca certezas da Palavra baseadas em um verbo “ser” — aludindo ao fato de Deus ser Deus de vivos e não de mortos, pois, “para ele todos vivem”.

Ensina que a morte é o fundamento da vida, e tira dela o poder de matar, dando a ela a força das sementes que ao morrerem dão muito fruto.

E assim Ele vai...

A questão é que Ele segue como o Vento; e maioria não segue nada pela fé, mas apenas em razão de certezas e seguranças palpáveis.

Assim, o modo de Jesus ser tanto é o que pode atrair irremediavelmente o discípulo, como também é aquilo em razão do quê a pessoa que não deseje render-se a Ele haverá de odiá-Lo, ainda que seja por “associação”.

Mas aquele que é Dele, esse sempre deseja saber como seguiu-Lo. Daí vir sempre a pergunta: “Como é ser discípulo de Jesus?”

Ora, é simples e terrível; e é tão terrível justamente porque é tão simples; e gera tanto esforço justamente por isso, pois nada há tão difícil quanto a simplicidade, nem que demande mais esforço que descansar no descanso.

A tendência natural da alma humana é para oferecer os mesmos sacrifícios de produção própria de Caim. Em Caim nasceu a religião. E é no espírito da oferenda auto-justificada de Caim que ela é praticada.

É difícil não oferecer nada a Deus. É muito difícil apenas confiar que o sangue de outro cobriu você. É loucura para os gregos e intelectuais; é escândalo para os judeus e todos os religiosos.

Para ser discípulo de Jesus a pessoa tem que renunciar o “si-mesmo”. Ora, isto significa desistir de si mesmo como “produção” de algo que comova Deus.

Negar ao “si-mesmo” é abandonar a presunção da persona.

Negar a si mesmo é o que se tem que fazer para que o “eu” seja alcançado, e, em seu estado mais verdadeiro, possa ser atingido pelo amor de Deus.



Negar a si mesmo é deixar toda justiça própria e descansar na justiça de Deus, que, antes de tudo, é justiça justificadora.

Negar a si mesmo é abandonar a presunção de agradar a Deus pela imagem e pelas produções próprias.

Quem quer negar a si mesmo?

Se alguém quiser, então tome a sua cruz. Cruz? Que cruz? Ora, a única. A minha cruz será sempre me gloriar na Cruz.

Alguém diz: Mas não sobrou nenhum sacrifício para mim?

O sacrifício é aceitar que o Sacrifício foi feito e consumado.

Alguém pensa que isto é fácil?

Sim, tente apenas e tão-somente confiar que está pago e feito. Ou seja: glorie-se exclusivamente na Cruz.

Tente crer que Jesus é suficiente, não como chefe de religião, mas como o Cordeiro que tira o pecado do mundo todo.

Tente rejeitar todo pensamento de auto-justificação toda vez que você se vir tentado a se explicar para Deus e para os homens.

Tente apenas confiar na única Cruz, e, assim, levar a sua cruz, que é andar pela fé, nunca tendo justiça própria senão a justiça que vem de Deus.

Tente, e você verá como todos os seus sentidos se revoltarão, e como todos os seus instintos se eriçarão, e você se sentirá inseguro, como se a Lei do Reino fosse a da Sobrevivência dos mais Aptos.

Sim, porque nos sentimos seguros no sacrifício de Caim, embora ele nada realize diante de Deus. E nos sentimos muito inseguros na hora de praticar na vida o sacrifício de Abel.

Jesus disse “Está Consumado”. E a nossa alma, em si mesma, pergunta: “O que mais eu devo fazer?”

Jesus terá que repetir Seu sacrifício todos os dias outra vez? Ou terei eu de oferecer alguma coisa a mais?

Ora, se a pessoa consegue desistir do “si-mesmo”, e tomar a sua cruz, então, Jesus diz que esse tal vai poder segui-Lo.



“Segue-me” — é o convite.

E aí? O que acontece? Fica tudo resolvido?

É claro! Está tudo resolvido! Eu, agora, é que preciso aprender a usufruir o que já está consumado. Assim, tendo já tudo consumado em meu favor, caminho para experimentar o que já está feito e pronto.

E como é esse caminho? Como se faz para seguir Jesus?

Ora, ande após Ele como Pedro... e os outros.

O discípulo é um ser em disciplina. Disciplina é o que o discípulo vai aprender.

Que disciplina? A dos centuriões?

É claro que não. A disciplina que o discípulo vai aprender é amor.

Assim, no caminho, o discípulo cai, levanta, chora, questiona, se oferece para o que não deve, ambiciona ser maior, mais amado, mais devotado, mais, mais... — e, então, vai aprender enquanto cai, enquanto erra, enquanto sugere equivocadamente, enquanto acerta, enquanto nega, enquanto corta orelhas, enquanto quer fazer fogo cair do céu e enquanto pensa que sabe, sem nada saber.

O caminho do discípulo é igual ao caminho dos discípulos no Evangelho, e acontece do mesmo modo. E só será discipulado se for igualmente acidentado, exposto, aberto, equivocado, humilde, capaz de aceitar a repreensão do amor e apto a aprender sempre sem jamais acreditar que se terminou qualquer coisa antes que se ouça: “Vem, servo bom e fiel; entra no gozo do teu Senhor”.

O caminho do discípulo não está escrito em manuais e nem em cartilhas de igreja. Nem em tábuas de Pedra.

O caminho do discípulo é todo o chão da existência.

O discípulo é forçado a só aprender se viver. E ele não precisa ter medo da vida, pois é na vida que ele vai seguir a Vida.

No caminho do discípulo o mar se encapela, as ondas se levantam e os ventos sopram. Por isso, o discípulo muitas vezes tem medo, grita, vê coisas, interpreta-as errado — “É um fantasma!”

Seguindo Jesus o discípulo está sempre seguro, mesmo quando pede o que não deve, e mesmo quando muitas vezes deseja o que lhe faz mal.

No caminho ele vê demônios saírem e dificultarem a saída; julga e é julgado e aprende



que não pode julgar; afoga-se, é erguido e caminha sopra as águas; vê maravilhas; encara horrores... Mas adiante dele está Jesus!

Para ser um discípulo de Jesus a pessoa tem que ficar sabendo que o Evangelho não são quatro livros acerca do que aconteceu entre Jesus e alguns homens e mulheres muito tempo atrás. Sim! O discípulo tem que saber que se trata da Palavra como espírito e vida.

Para ser um discípulo de Jesus a pessoa tem que ficar sabendo que o Evangelho está acontecendo hoje, do mesmo modo, na vida dela. E precisa saber que as coisas escritas no Evangelho são apenas para a gente ficar sabendo como é que acontece na nossa própria vida.

O Evangelho só é Evangelho se for vivido hoje. Não com a pretensão de dizer que seremos como Jesus. Mas pelo menos com a declaração de que seremos como os discípulos, e que adiante de nós, de todos nós, está o Senhor.

Ora, se tais verdades entrarem em você, e você as agasalhar com fé, então, o resto da viagem deste livro é para você, tanto como indivíduo, tanto quanto como membro do Corpo de Cristo, e, sobretudo, como ser humano vivendo neste planeta neste Tempo do Fim.

O que tinha a dizer já foi dito. Agora é com você!

Vem e vê!

Título:

Jesus e os do Caminho (este texto faz parte do livro “Um só Caminho”)

© Copyright:

Caio Fábio D’Araújo Filho